

O homem e a morte

Ao Homem disse, um dia, a Vaidade excitante:
— «Es o rei da criação! A Terra toda é tua!...»
O Orgulho comparece e, presto, continua:
— «Ave, senhor da vida, altíssimo gigante!...»

Na sombra espessa, em torno, a Descrença acentua:
— «Nada existe, afinal, sem teu cetro brilhante...»
E a Fortuna declara: «Ordena, comandante!
Do meu áureo poder ninguém te destitua...»

E o Homem dá-se todo à carreira ilusória,
Bradando para os Céus em delírios de glória:
— «Deus, se existes, oh! Deus, jamais me sobrelevas!...»

Mas a Morte aparece e, num simples segundo,
Vê-se triste e sozinho o monarca do mundo,
Intimado a pensar no silêncio das trevas...

JOSÉ CIRILO CHAGAS

Recordações em Leopoldina

A sombra amiga destes montes calmos,
Meu pobre coração de anacoreta,
Amortalhado em fina roupa preta,
Desceu à escuridão dos sete palmos.

Viera o fim dos sonhos intranquilos,
Entre grandes e estranhos pesadelos,
Satisfazendo aos trágicos apelos
Da guerra inexorável dos bacilos.

A morte terminara o horrendo cerco,
Sufocando as moléculas madrastras...
Eram milhões de células nefastas,
Voltando à paz do túmulo de esterco.

Indiferente aos últimos perigos,
Meu corpo recebeu o último beijo
E comeci o lúgubre cortejo,
Sustentado nos braços dos amigos.